

ENNIO LEÃO: CLÍNICO E MESTRE

Por Roberto Assis Ferreira

Digníssimos membros da mesa, SENHORAS, SENHORES, COLEGAS, AMIGOS,

Coube a mim a responsabilidade e a honra de saudar o Professor Ennio Leão, Professor Emérito da UFMG, homenageado especial deste **XXI Forum da Academia Brasileira de Pediatria**.

Se, por um lado esta tarefa é fácil, por se tratar do Ennio Leão, por outro, torna-se difícil, havendo o risco de ficar apenas na superfície, ou nas generalidades. Fiz uma escolha, falar sobre o **ENNIO LEÃO: CLÍNICO E MESTRE**. Acredito, que as dimensões, do clínico e do mestre, são uma chave de entendimento para a contribuição que o Ennio Leão aportou seja à pediatria, seja ao ensino médico.

Ennio, o seu nome, a sua presença, a sua atuação, a sua maneira particular de ser, de clinicar, de ensinar, as suas expressões, as formas de você se apresentar, de existir, significaram e continuam significando muito para diversas gerações de pediatras, alguns aqui presentes, mas também para muitos ausentes que são ou foram próximos de você.

Ennio, quando você foi saudado como professor emérito da UFMG, citou-se Carlos Drumond de Andrade, em seu “Canto ao homem do povo Charlie Chaplin”, algo também apropriado, para iniciar esta saudação de hoje a você, ouçamos o poeta:

“Bem sei que o discurso, acalanto burguês, não te envaidece, e costumamos dormir enquanto os veementes inauguram estátua, e entre tantas palavras que como carro percorrem as ruas, só as mais humildes te pernetram.

“Não é a saudação dos devotos nem dos partidários que te ofereço, eles não existem, mas a de homens comuns, numa cidade comum, nem faço muita questão da matéria de meu canto ora em torno de ti”.

Dispensemos o que se poderia chamar de sua biografia, a resenha de sua trajetória. Também deixemos de listar sua obra, sua contribuição técnica e científica, em grande parte inovadora e original. Acredito que seria agradável para muitos ouvir certos detalhes, certas características de sua produção. São mais de cinquenta anos de intensa atividade na Faculdade de Medicina e na Pediatria da UFMG. Sim, seria também muito agradável falar do Ennio, homem, pai de família, amigo sempre solidário, médico solícito, professor dedicado, sempre presente. É inegável que há uma obra construída e assinada. Todos sabemos, que você escreveu e de certa forma continua a escrever, e com muita nitidez, seu nome na história da pediatria de Minas e desta Faculdade. Haja visto que há previsão para breve de uma nova edição do *Pediatria Ambulatorial*, agora *Pediatria Ambulatorial Ennio Leão*.

Mas ... há algo que nos inquieta, que se coloca como questão, e que se pode tentar privilegiar, tentando sair do plano apenas descritivo. Qual a marca realizada pelo Ennio Leão, o que se pode entender como sua contribuição simbólica, qual a inscrição simbólica, o que constitui o núcleo de sua herança? Uma marca simbólica se carrega, como a marca de um batismo (bom, dizem

que a marca do batismo é levada até para o inferno). Pode-se interrogar se há um significante introduzido em nossa prática, em nossa maneira de compreender e ensinar a pediatria, algo enfim que possa ser atribuído ao Ennio.

À primeira vista ressalta o modelo de médico, em que você se distinguiu como um clínico. Para aqueles que aprenderam com você, você ocupou sempre este lugar: o **DO CLÍNICO**. Um modelo de profissional, que por sua atitude, questiona até certo ponto a prática médica atual. Prática na qual o médico vai sendo reduzido a um técnico. Quando não, vai se limitando a aplicar ou vender uma técnica, a ser instrumento, ou mesmo apenas a intermediar a aplicação de uma tecnologia. Por outro lado, o clínico é aquele para quem cada paciente é um desafio singular. Aquele que obedece ao velho axioma: **“NÃO EXISTEM DOENÇAS, MAS DOENTES”**. O clínico, mesmo que tenha que conviver com os protocolos, os guidelines, não se submete a eles. Cada paciente será sempre um caso novo. O acaso é muito freqüente na medicina. A clínica se aprende á beira do leito, no caso a caso. A universalização é perigosa. A doença como está nos livros é uma abstração, não existe, só existe concretamente em cada paciente. Assim, o clínico está sempre alerta para a singularidade de cada paciente. O clínico sabe que a medicina, muito mais do que como uma ciência e uma técnica, deve ser compreendida como uma prática social, como uma prática profissional, com o saber fazer da medicina.

Meu caro, não poderia deixar de vir à minha lembrança algumas de suas expressões típicas:

“será que o paciente concorda com o que está escrito no livro”? ou outra, “Eh papel aceita tudo”.

Na prática do clínico Ennio Leão se demarcou a sua postura ética, onde é evidente o compromisso prioritário com o paciente, independentemente de sua origem social, se da clínica privada ou da enfermaria do hospital. Quantas noites, fins de semana, feriados, não foram investidos nesta prática da medicina, no cuidado a pacientes graves.

Um outro aspecto deve ser introduzido aqui. Costuma-se dizer e até certo ponto é voz corrente, que o Departamento de Pediatria comunga de grande unidade. É comum atribuir-se esta unidade ao Ennio, ao papel aglutinador e formador que ele desempenhou. Não deixa de ser interessante, pois poucas vezes ele ocupou propriamente o lugar do chefe. Aliás, até certo ponto e se minha percepção não é equivocada, havia para ele um pequeno mal estar, ao ocupar este lugar. Assim, se alguma unidade existe e acredito que sim, se o Ennio foi peça fundamental para a sua construção e acredito que o foi, a sua participação não foi propriamente a do chefe, mas sim a do mestre.

O que é um mestre? O mestre é aquele que indica o caminho. Não é aquele que manda, mas o que aponta a direção. *“Enquanto vocês discutem, porque não ligam um soro neste menino”*. O mestre se dá em ato, não é propriamente um comandante, nunca um mandante. Questiona sim, mas pelo exemplo, pelo testemunho. A transmissão do mestre não é propriamente pelas palavras, é pela atitude, pelo ato.

Isto me faz lembrar de algo que li da Clarice Lispector em *“Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres”* onde alguém dizia para o professor:

“Aprendo contigo, mas você pensa que eu aprendi com suas lições, pois não foi, aprendi o que você nem sonhava em me ensinar”.

Ennio, sabemos que você também é herdeiro, que dá continuidade a uma longa tradição. Na Escola de Medicina da UFMG e na Pediatria Mineira houve grandes mestres, aos quais certamente você soube honrar. Citemos apenas alguns, como Romeu Cançado, Luigi Bogliolo, Baeta Vianna, João Galizzi, Berardo Nunan.

Prezado Ennio, é neste lugar do mestre, que você é colocado por seus alunos, ou melhor por seus discípulos, não seus seguidores, mas discípulos, companheiros e prosseguidores de jornada. De forma especial, este lugar do mestre está marcado, seja por sua maneira peculiar de exercer a clínica, seja pela consequência da sua maneira de ensinar e de pesquisar. Você clinicou, ensinou e pesquisou tendo como norte o compromisso ético com o paciente e a saúde. Buscou respostas para o quadro grave da saúde de nossa infância, quando na segunda metade do Sec XX, as doenças da nutrição, associadas às doenças infecciosas dizimavam nossa infância, sobretudo nas camadas populares.

Por outro lado, você não buscou a glória, talvez o reconhecimento, mas não a glória, esta, é possível, mas creio que até o incomoda. Em você, pode-se perceber dignidade, satisfação, mas não vaidade. O seu desafio, sem onipotência, foi sempre o da medicina colocada na defesa da vida.

Pode-se perguntar se há uma escola mineira de pediatria. Certamente, existem algumas. Também, pode-se afirmar a existência de uma escola de pediatria na UFMG. No entanto, você não está restrito a esta, o que esta homenagem

comprova, a sua atuação é mais ampla e, por outro lado, sabemos que esta escola não nasceu com você, que teve precursores, mas nela você colocou sua marca, marca bem legível, construída por mais de cinquenta anos de militância médica. Acredito e há evidências de que sua participação não está encerrada, ainda persiste e continuará por longo tempo, mesmo que você não a perceba. Façamos ecos às palavras referidas a você por um ilustre professor do Departamento de Pediatria, o nosso saudoso José Silvério Santos Diniz:

“O Ennio deu bases científicas e seriedade à prática da pediatria. Deu também o tom ético e abriu a trilha, por onde outros caminharam, mas ele foi um pilar”.

Senhoras, senhores, amigos e discípulos, é de grande significação esta homenagem que hoje as Academias Brasileira e Mineira de Pediatria fazem ao nosso querido mestre Ennio Leão.

Para encerrar vou me reportar ao último filme de Kurosawa, **MADADAYO** – que em japonês quer dizer **AINDA NÃO!**. O filme relata a história de um velho professor aposentado, para quem todos anos, na data de seu aniversário, seus alunos reuniam-se para homenageá-lo, e ao final da cerimônia, o professor tomava uma enorme taça de cerveja e encerrava com o conclamação: **MADADAYO**, ou seja, **AINDA NÃO!!**

ASSIM SUGIRO QUE TODOS AQUI SE LEVANTEM E SAÚDEM O PROFESSOR ENNIO LEÃO COM A EXPRESSÃO:

MADADAYO!! AINDA NÃO!!